



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

Geografia Contemporânea: As fases da sistematização da Geografia Cultural

Maria Luiza Soprano Correa¹

Olívia Nogueira Nogueira²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar e sistematizar as fases de transformação da geografia cultural, que tem seu significado variante de forma imensamente impactante para as produções dentro do eixo, desde o determinismo dentro da geografia clássica até os debates contemporâneos nesta ciência. Assim, considera-se uma ampla gama de autores e suas obras ao longo desta pesquisa, passando por Carl Sauer e a escola de Berkeley em 1925 até Paul Claval, responsável pela reunião de toda a trajetória da geografia cultural à época da escritura de seu livro, *A geografia cultural* (2007). A análise temática parte da definição de “cultura” ao longo do tempo histórico, que se define em acordo com o método de pesquisa vigente na época, como o descritivo, quantitativo sistemático e análise fenomenológica em aliança ao materialismo histórico dialético.

Palavras chave: geografia cultural; fenomenológica; método.

Contemporary Geography: The Stages of the Systematization of Cultural Geography

Abstract

The purpose of this study is to analyze and systematize the phases of the transformation of cultural geography, whose meaning has evolved in ways that have had a profound impact on scholarly work in the field, from the determinism of classical geography up to contemporary debates approaches. Thus, this study considers a wide range of authors and their works, spanning from Carl Sauer and the Berkeley School in 1925 to Paul Claval, who synthesized the entire history of cultural geography up to the time of writing his book, *Cultural Geography* (2007). The thematic analysis begins with the definition of “culture” throughout history, which is defined according to the research methods prevalent at the time, such as descriptive, quantitative-systematic, and phenomenological analysis in conjunction with dialectical historical materialism.

Keywords: cultural geography; phenomenological; method.

¹ Graduanda de Geografia, Universidade do Estado do Amazonas, nogueiraolivia45@gmail.com

² Graduanda de Geografia, Universidade do Estado do Amazonas, correa.soprano@gmail.com

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

Introdução

A geografia contemporânea tem como destaque, sobretudo neste período globalizado, a compreensão das relações sociais e culturais no espaço, onde as relações difusas entre sociedades é recurso fundamental para o desenvolvimento tecnológico, a complexa dinâmica entre sociedade e natureza, imprimindo significados, representações e vivências que apresentam elementos espaciais e culturais, aquilo que é de certa forma particular a uma movimentação humana específica. Por contemporaneidade geográfica, entendem-se correntes de pesquisa como a geografia socioambiental, de gênero, urbana, e, no que diz respeito a este trabalho, a geografia cultural. Em virtude desta colocação temporal técnica-científica, entende-se que a configuração meramente descritiva presente na geografia até antes dos anos 70 entra em discordância com a evolução tecnológica que ocorre no mundo, e com este, lê-se primariamente como Europa, sendo a difusão destas condições sentidas no restante dos continentes de modo hierárquico, como desenvolvimento por Torsten Hägerstrand (1952). Descrever situações excepcionais impossibilita o estabelecimento de leis gerais, além de dialeticidade contextual com outros cenários, dois requisitos indispensáveis para que se produza conhecimento científico, baseando-se em Fred K. Schaefer. Nessa perspectiva, apenas se descreve a paisagem por ela mesma, causando então uma discordância com o funcionamento real social globalizado, onde as relações são marcadas por modificações na natureza, transformando-a para uso próprio, de modo a formar uma nova natureza que não abandona seu sentido original, na realidade, suas características base se aglutinam às novas, que se explicam fenomenologicamente, e ler esta nova configuração que se estabelece é papel do geógrafo dentro da geografia contemporânea.

A geografia cultural, parte do contemporâneo, assim como boa parte das geografias de mesmo eixo temático, é propriamente sistematizada da forma em que se tem conhecimento hoje por volta do ano de 1970 em diante, por teóricos como Eric Dardel e Yi Fu Tuan, que oferecem a base para a geografia de perspectiva fenomenológica, ponto de partida inicial por onde se fundamenta a geografia cultural. Além disso, a corrente conta com a colaboração de, entre outros, Paul Claval e, no Brasil, Roberto Lobato Corrêa, bem como, em um ponto de vista mais descritivo, Carl Sauer e Otto Schlüter. Para além da forma de entender como se produz um trabalho dentro da geografia cultural, é fundamental a noção de que o significado da própria palavra “cultura” é bruscamente modificada ao longo do tempo, uma vez que já se falava da mesma desde Ratzel e La Blache, ainda que não diretamente sob esta etimologia, ressaltando a noção do sistematizar posteriormente, e no recorte específico da geografia cultural, tendo toda a sua estrutura de pesquisa reformulada, fato percorrido ao longo deste trabalho.

A abordagem descritivo-cultural na escola de Berkeley

A “cultura” ganha seu significado próprio a partir da escola de Berkeley, fundada nos Estados Unidos durante o século XX por Carl Sauer, um controverso geógrafo de destaque de seu tempo. Sauer é expoente fundamental e principal durante a primeira fase da geografia cultural, momento em que componente de pesquisa se discorria

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

fundamentado em uma noção paisagista do espaço, uma vez que suas abordagens contavam com a influência nascida do gênero de vida vidaliano, assim como o tradicionalismo alemão, herdado de Otto Schlüter e sua máxima definida pelo conceito de paisagem natural (*cultural landscape*), que, de acordo com Seemann (2004), oferece diálogo intimamente ligado à escola de Berkeley.

Schlüter entendia Immanuel Kant e suas duas formas de explicar a fonte do conhecimento humano, advindo do mundo dos sentidos e percepções (as ciências naturais), junto às razões e compreensões (ciências humanas) como base para suas próprias ideias, passa-se a atribuir à geografia uma noção de descrição da natureza a partir da captação da mesma, para que se alcançasse então um conjunto descritivo que fosse suficiente para entender o mundo (Moraes, 2007). A partir disso, entende-se que Otto não estava preocupado com o imaterial, mas o reflexo deste, conceito esse que mais tarde viria a ser utilizado por Carl Sauer, bem como a ideia já estabelecida ao tratar de paisagem natural, ou seja, a relação simbiótica entre homem e o espaço, que gera como resultado características materiais, intencionais ou não.

O mérito de Sauer na geografia cultural vem da união e divulgação destes conteúdos nos EUA, que resgata fundamentos essenciais historicistas e rompe com o positivismo utilitarista dominante na geografia no século XIX. O geógrafo orientou mais de 37 teses de doutorado sob perspectiva antropológica, aliada ao desenvolvimento de conceitos paisagistas próprios, publicados em seu livro *A Morfologia da Paisagem* (*the Morphology of Landscape*) em 1925. Aqui, o panorama remete ao pré-estabelecido por Schlüter, e Sauer segue a negligência pela formação fenomenológica do espaço, ainda que a reconheça como fator fundamental à formação da mesma. É como se “Sauer começasse a investigar estas questões, chegasse ao abismo das relações sociais e, rapidamente, se afastasse de sua beira” segundo Richard Peet (2011), (SILVA; SILVA, 2022.), de modo a limitar então a geografia cultural a uma ciência descritiva, mas que já apresentava sinais breves da introdução da análise contextual da paisagem propriamente dita.

Em sua obra, Sauer descreve a paisagem como um sistema composto por elementos visíveis e reconhecíveis, estes formam sua identidade individual, e dele nasce o espaço geográfico, selecionado ao olhar o que se classifica como forma constituinte do processo. Nesta concepção, encaixam-se duas divisões para paisagem, que estabelecem entre si um diálogo muito bem definido e inter-relacionado, classificadas em natural e cultural, ambos descritivos. A dialeticidade entre os dois se dá por suas formações, especificamente a respeito do cultural, que usa como base o natural para que se estabeleça, no sentido de que o primeiro sempre será a base para o segundo, e mesmo após sua formação, o natural ainda faz parte do panorama, aglutinado com outras características que ali surgem posteriormente, mas não deixa de existir. Dessa forma, a paisagem natural é definida por fatores como os climáticos ou de relevo, que variam em atuação mútua em função do tempo, e, através da ação contínua destes se molda o espaço bruto. A paisagem cultural se encaixa posteriormente, quando o natural já está definido, modificando-o artificialmente de acordo com as necessidades da sociedade que ali se estabelece, ou como reflexo indireto de seus hábitos culturais, que, aqui, não são analisados como fatores imateriais, mas apenas o que de físico se manifesta. Assim, “as ‘coisas’ são tratadas de

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

forma naturalista, e as pessoas, se presentes, estão integradas a elas.” (Costa; Gastal, 2010, p. 3)

A escola de Berkeley, sob a eficiente atuação de Carl Sauer em repassar suas teses à seus alunos, influenciou o modo a que se enxergava geografia cultural, de modo a atingir a corrente geográfica não apenas em um limitado período de tempo, mas surtir efeitos para a atualidade, mesmo em realidade póstuma de seu principal expoente. Berkeley deu continuidade a partir de discípulos, formando então uma geração de geógrafos americanos (e, por vezes, agregados em difusão em outras partes do mundo) diretamente influenciados pela antropologia e desdobramentos vidalianos, capazes inclusive de testemunhar a evolução do debate proposto por Richard Hartshorne e Fred K. Schaefer em 1953, onde o cultural levou uma virada brusca em sua direção de produção científica, como explorado por Barnes (2022) e Van (2022).

Foi, como na maioria das outras correntes geográficas que se discutiam em paridade temporal, no período pós-segunda guerra, onde o domínio ausente de facetas plurais na geografia caiu por terra, passou-se a existir uma demanda radical pelo neopositivo, quase como uma contracultura que surge após um momento de crise e reconfiguração mundial consequente, incentivada por Schaefer, que dá combustível para a reforma sistemática no meio a partir de sua obra *Excepcionalismo na geografia: uma examinação metodológica* (*Exceptionalism in geography: a Methodological Examination*, 1953), abordando então o desenvolver detalhado das mudanças no cultural supracitadas. Entretanto, o tradicionalismo é fortemente enfrentado coincidentemente no íntegro movimento de “virada cultural” (1960-70), um ataque direto a Sauer e a escola de Berkeley à medida em que o mundo se urbaniza, pois, inclusive em ponto destaque em meio a outros, os interesses no rural e as ideias defendidas pelo teórico convivem em dialética aliada ao capitalismo já muito bem estabelecido, como visto no trecho:

Estabelece assim um sentido utilitário da paisagem natural, que acaba sendo vista não puramente como natureza intocável, mas como área de reserva para atender aos desígnios futuros da humanidade. A partir de um viés ecológico em uma abordagem sistêmica e utilitarista, a paisagem natural poderia ser entendida como um espaço fundamental para garantir o equilíbrio e o bem-estar da vida nos ecúmenos. (SILVA; SILVA, 2022, p.180).

Após o levantamento de incoerências ao que diz respeito no que se entendia como geografia cultural, em virtude da mudança no rumo do pensamento geográfico nos anos 70, faz-se presente a necessidade da reforma no conceito de cultura, que já não era condizente com o modelo de pensamento vigente, bem como a perspectiva da validade de conhecimentos gerados, o que constaria como útil no meio acadêmico.

A geografia cultural fenomenológica em Eric Dardel

A partir do contexto de reforma, surge o resgate de nomes da geografia cultural que tiveram suas obras ignoradas em meio à popularidade quantitativa, como Eric Dardel, teórico fundamental para o estabelecimento de bases fenomenológicas na segunda fase da

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

geografia cultural, alicerçado em “O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica” (1952). Além disso, é importante ressaltar que mesmo com a forte rejeição do sistemático quando se fala de teoria, na prática grande parte dos conceitos gerados na segunda fase possuem certa dependência quantitativa para que se leiam com maior êxito ao campo, pois relações intersubjetivas são essenciais à ação humana, que não se encontra em local de fidelidade a uma única forma de produção científica, este integrante na complementaridade entre nomotético e idiográfico, como afirma Simão (2011).

Eric Dardel baseou-se em fundamentos Heideggerianos para o estabelecimento de seus pensamentos, em destaque a hermenêutica, definida por “a hermenêutica, não tem por objetivo a posse de conhecimentos, mas sim um conhecer existencial, isto é, um ser que surge da experiência de um “estar desperto” [...]” (Neves, 2021, p. 104). Ou seja, Dardel é um autor dualista, engendrando a filosofia existencialista na geografia, na característica familiar dialética da matéria com terceiros caminhos da ciência, e, através deste, utiliza da consciência do indivíduo para definir que a realidade apenas existe pela percepção individual de cada, ou de uma sociedade, que por consequência compartilha entre seus componentes semelhantes noções do espaço.

A percepção Dardeliana dessa realidade geográfica permite a existência de subcategorias que o formam, classificadas como espaço geométrico, divididas em arquétipos herdados de Bachelard (1960) *apud* Perkoski (2006), especificamente de sua clássica poética da imaginação desenvolvida em *La Poétique du Rêve* (A poética do devaneio), utilitária dos quatro elementos naturais - água, terra, fogo, ar - para melhor definir a construção do imaterial/material. Essa estrutura se manifesta em Eric Dardel como espaços geométricos aquáticos, aéreo, construído e mítico, estes que fazem parte do geométrico telúrico (noesis), ou seja, o não tangível interpretado pelo homem não apenas no visível, mas também baseado em seus próprios interesses, enquanto o material (noema) está fisicamente presente no meio e serve de base para os significantes posteriormente elaborados.

A se tratar da formação aquática no meio, entende-se que o teórico se refere a componentes que não são capazes de manter sua forma por estendidos períodos de tempo, que pode, inclusive de forma atemporal, ser exemplificada pelo conceito de modernidade líquida, fenômeno fluido das relações entre o social e o espaço enquanto presente na modernidade, de modo a gerar fenômenos como interações humanas muito breves e de pouca consistência, em consequência do reforço individualista ideológico promovido pelo capital, em concordância com Bauman (2001). Em suma, o telúrico aquático sugere a imprevisibilidade da percepção humana, sujeita a fatores externos e inclusive o tempo, que molda as concepções sociais, modificando profundamente a forma em que o geométrico material é lido em diferentes momentos históricos, de modo a criar então, uma percepção líquida do espaço.

O aéreo é exemplificado através do próprio elemento em que é baseado, o vento. Correntes de vento possuem sua comprovação na tangibilidade por meio da interferência em elementos físicos, ainda que não possa ser naturalmente visto a olho nu, pode ser observado por outros sentidos do corpo humano. Este telúrico é contrário ao aquático, enquanto o segundo é breve, o primeiro se torna permanente pois impera sob tudo o que

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

se manifesta materialmente no espaço, podendo agir como intempérie imutável ao decorrer do tempo, para mais, existem duas faces distintas separando os agentes aéreos, assim como Bachelard (1960) *apud* Perkoski (2006), o diurno e o noturno. Entretanto, a definição desta dualidade possui sua diferença significativa a depender de quem o está utilizando, assim:

Bachelard propõe dois caminhos distintos de análise, o da Razão Diurna, e o do Devaneio Noturno, implicando um Ser Dual Dialético. Já para Dardel, não existe psicanálise do conhecimento, nem dialética, e a Estrutura do Ser estaria no Espaço Geométrico, o diurno, nesse sentido, representaria as possibilidades realizáveis do homem, e o noturno as possibilidades tangenciáveis das distâncias imagináveis entre o homem e os lugares (NEVES, 2021, p. 112).

Registra-se então a autenticidade do teórico, além do reforço da separação do indivíduo em relação ao meio, uma vez que sua visão sob ele define seu curso de ações.

O espaço construído se trata das construções feitas pelo homem, o espaço de vivência diária, onde se encontram elementos característicos que refletem suas interações com o outro e experiências particulares, apesar destas não terem espaço para análise nos fundamentos Dardelianos. A partir disso, é seguro afirmar que Eric Dardel não estava exatamente preocupado em registrar de modo aprofundado os elementos formativos deste espaço construído, no sentido de que o imaterial não lhe era relevante, assim como não era relevante à grande maioria dos teóricos em atividade na época de publicação de *O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica*, Dardel foi uma figura à frente de seu tempo, mas não se livrou completamente do tradicionalismo, este intrinsecamente presente em suas obras.

A paisagem urbana é aqui tomada como espaço independente, ausente em classificações que o categorizam como rural ou cidade, uma vez que tudo o que é construído vai cair no mesmo esquema de funcionamento, indicação de que até mesmo o menor dos espaços é contribuinte à paisagem do construído, pois não é, sob nenhuma hipótese, ausente em interações sociais. Existem resultados nascidos de esquemas sociais interativos, e, por tanto, em sua totalidade são espaços construídos, a não ser que deixem de gozar em presença humana.

Entretanto, a única exceção imaterial à Dardel se trata do telúrico mítico, este que atravessa grande parte de suas classificações geométricas, se tornando parte integrante fundamental atemporal de sua máxima, assim “Dardel nos traz um mundo mágico, mítico e qualitativo ensejando facetas telúrica, temporal e espacial. As sensações táteis ou as expressões visuais resultam em imagens, símbolos e sinais da superfície terrestre” (Oliveira, 2015, p. 21), indicando então que a existência de mitos e religiosidades interferem na hermenêutica do espaço, que ganha seu significado não necessariamente vindo de análises advindas de interesse próprio para a ocupação, por exemplo, mas por necessidade inclusive perene de fornecer explicações confortáveis ao abismo do desconhecimento, realidade apenas natural ao indivíduo humano, ou sociedades inteiras.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

Yi Fu Tuan e sua perspectiva sobre “lugar”

Outro nome de destaque da geografia cultural, principalmente quando se trata da contemporaneidade, é o geógrafo Yi Fu Tuan, seus livros e artigos foram de extrema relevância para a consolidação do objeto de estudo da geografia humana, geografia essa que surgiu durante o período quantitativo e que se via na obrigação de humanizar os métodos e pensamentos quantitativos. Tuan (2018) afirmou que pouco se era estudado sobre o caráter fenomenológico dos lugares, nos quais se fazia necessário uma atenção mais qualitativa sobre a sociedade e seu relacionamento com o lugar. Lugar não apenas dito como paisagem ou o que pode se considerar nações-estado (aquelas designadas de nomes e que favorecem seu patriotismo), mas lugar no que diz respeito à importância do espaço para determinado indivíduo, seja esse espaço reconhecido pelo resto do mundo ou não. Além disso, o teórico desenvolve o conceito de lugar que precisa ser debatido, legitimando a experiência, já que para o espaço ser construído, é necessário a experiência para dar-lhe significado, significado este que apenas o ser-humano é capaz de dar.

Sob esse viés, a cultura seria de grande impacto para a construção de lugar, que fala diretamente com os significados e sentidos que o homem dá, sejam materiais ou simbólicos, muitas vezes inconscientes. Nota-se que o termo “palpável” aqui não foi utilizado, visto que por ser atribuído um significado e ser reconhecido como o mesmo, embora não material, ele já se torna palpável. Ademais, Tuan pode ser visto como filósofo, especialmente em trabalhos como Human Goodness (2008), em que ele busca entender o homem e suas condições, levantando questões muito mais filosóficas que de fato geográficas. Entretanto, seu conceito de topofilia e topofobia, em que os sentimentos e relações de homem-meio-cultura evocam o significado ao espaço e o transformam em lugar, foi de grande relevância para a Geografia Humanística, na qual a utiliza como regra universal para seus estudos fenomenológicos e para melhor assimilação de conteúdo e compreensão do espaço, seja ele urbano ou rural, plural ou individual e público ou privado. A cultura, para Tuan (2018), serve como um método de escape ao ser humano, uma forma de esquecer nosso lado animal sem extingui-lo por completo. Esse escape pode ser uma construção, casa, lar ou uma religião, algo que desperte seus sentimentos com conforto, nos fazendo esquecer de nossa vulnerabilidade e ser inconscientes da finitude do mundo.

Entretanto, e sobre os lugares que causam medo, aflição, horror ou nojo? Esses lugares podem ser considerados parte da paisagem geograficamente? Podem e devem!, esses espaços se tornam geograficamente objetos de estudo quando faz-se um significado a ele, ainda que não seja um elo de amor. A partir do momento em que o lugar afasta, oprime ou aproxima grupos de pessoas e modificam a área, se torna um objeto de estudo da geografia. É sobre como os humanos percebem e habitam os locais, como isso influencia o meio ambiente, urbano ou rural e como isso pode fazer mudanças significativas para um espaço. E embora seja subjetivo, como por exemplo, um beco escuro pode ser mais perigoso para uma mulher do que para um homem, não deixa de ser importante para avaliar a perspectiva de uma população.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

Polivocalidade e mapas: um conceito de Roberto Lobato Correa

Surgiram então diversos autores que tratam de descrever a geografia cultural, e que apesar de influenciados, por vezes, pela mesma base ideológica (fenomenológica), apresentam ao meio acadêmico plurais concepções ao cultural. Roberto Lobato Corrêa, por exemplo, dissertou sobre a polivocalidade, suas diversas formas de interpretação de uma paisagem. A partir disso, entende-se a conexão entre política e tal conceito, partindo de uma mensagem, símbolo ou paisagem (modificada ou não), esta que pode causar aprovação ou oposição de grupos de pessoas que constituem o espaço. Segundo Corrêa (2009), o sentido da paisagem cultural não é fixo nem absoluto, desde que se considere que sociedades possuem suas particularidades, e, ao levar este conceito ao existencialismo considerado anteriormente, paisagem alguma se explica por si própria, seu significado depende de quem o está interpretando. Nesse sentido:

O fato de a cultura manifestar-se espacialmente permite que mapas de significados não sejam apenas uma metáfora. É possível, efetivamente, elaborar mapas de significados que ampliem o escopo da cartografia geográfica. Os mapas não se limitam às representações com base em dados estatísticos, mas, como argumenta Cosgrove “(...) incluem também as representações gráficas de tudo aquilo que é “lembrado, imaginado e contemplado (...) material ou imaterial, real ou desejado, do todo ou da parte vivenciado ou projetado”” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2011, p.174)

Um mapa, dentro da geografia, não serve somente para descrição de mundo. É necessário que se entenda a espacialidade a partir dos fenômenos que podem modificá-los. O ser humano por si só pode ser capaz disso, e entender como essas mudanças interferem no seu espaço se faz presente em diversas áreas de atuação. Os mapas, então, podem ser feitos para avaliação de percepções de mundo, de diferentes etnias ou lados políticos para que então se compreenda os efeitos fenomenológicos. O conceito de polivocalidade vem como forma de constituir e consolidar essas questões tão recorrentes, o método de embasamento de uma corrente geográfica pode ser, então, o mapeamento de seu objeto de estudo. Portanto, segue-se a respeito da importância desses mapas:

Pode permitir a representação cartográfica da “geograficidade” de que fala Dardel (1952), [e que inclui no texto], possibilitando um outro conhecimento das múltiplas e simbólicas espaço-temporalidades da ação humana. Mais do que uma rica metáfora, mapas de significados são um instrumento de que grupos oprimidos [representação da topofobia de Yi Fu Tuan] podem dispor. Como construções sociais, os mapas podem ser veículos a partir dos quais se pode exercer poder, como apontam Short (1991) e Crampton (2001), transformando-se assim em contracultura, permitindo descobrir novos significados no espaço social. (CORRÊA, 2011, p.174)

Com isso, o urbano é um terreno fértil para a criação de localidades culturais, devido à grande quantidade de pessoas, nas quais embora diferentes, encontram-se, criam laços e elos, transformando o lugar. Entretanto, esse pensamento, hoje, pode ser um pouco

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

utópico visto o desenvolvimento do capitalismo e ao consumismo subsequente voltado ao alavancamento da globalização. Seria correto dizer, dessa forma, que o terreno urbano se tornou escasso para construção de novas culturas e tudo se tornou sistematizado, quantitativo e não fenomenológico? Corrêa (2011) explicou que é na resistência que se criam novas políticas, novos hábitos culturais, novos movimentos, e estes se perpetuam entre o passado, o presente e o futuro. A cultura está sempre em transformação e em ligação a todas as temporalidades.

No Brasil, a geografia cultural ganhou um Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), criado e coordenado por Rosendahl, atuante na área junto com Roberto Lobato. O núcleo tem como objetivo produzir e difundir as pesquisas relacionadas à geografia cultural. As produções, inclusive de mapas, eram voltadas principalmente, à relação entre espaço e religião, embora se tenha discutido também espaço e simbolismo e cultura popular, conforme o trecho:

Os textos incluem uma variedade de temas, paisagem cultural, percepção e imaginário, território indígenas e de ex-escravos (quilombos), sistema de cidades, cemitérios, festa popular e cartografia cultural. Agricultores, ciganos, índios e cidadãos de diferentes classes sociais são os atores sociais que os textos abordam. (CORRÊA; ROSENDAHL; 2005. p. 100)

A importância de Paul Claval para a geografia cultural

Claval participava do NEPEC, sendo cooperador das pesquisas voltadas à geografia cultural, o que lhe permitiu grandes escritos, embora Paul Claval seja francês. Em seu artigo “Reflexões sobre a Geografia Cultural no Brasil”, Claval faz uma análise das bifurcações da corrente dentro do território brasileiro.

Desde o período das grandes navegações, ainda em 1500, do *achamento* (e achamento pois não se descobre uma terra que já é habitada, como fizeram colonizadores) do Brasil, o país é visto como fonte inesgotável de matéria-prima na qual se perpetua até hoje ao redor do mundo, especialmente dentro das relações econômicas mercantis, onde o Brasil foi perpetuado como produtor de matéria-prima. O contexto brasileiro quanto aos setores secundário, terciário e quaternário não é tão refinado quanto ao externo, fazendo com que o importado se trate de produtos base exportados já precificados (de forma desbalanceada, por basear-se no dólar), noção entendida por Claval (2013) ao classificar o Brasil como elemento periférico do capitalismo, apresentando, também, uma imagem tropical vendida ao exterior, ou, ainda, de uma população limitada ao afeto, ao samba, como visto por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Surge a pergunta, se o Brasil tem tanta matéria-prima, tantas preciosidades, por que ele ainda é visto como um país inferior a algum europeu? Esse comportamento é derivado da posição tomada em suas relações comerciais. Ou seja, o Brasil, maior exportador de soja do mundo, tem seus lucros comandados por uma força externa que designa cada vez mais o desenvolvimento do hábito de consumo, o que faz com que a cultura externa prevaleça pelo não

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

reconhecimento de sua própria diversidade e a venda direta e mascarada sob termo reconhecido por *soft power*.

Sob essa perspectiva, a diversidade regional se torna aspecto importantíssimo na construção do estudo da geografia cultural no Brasil. Indubitavelmente, o país é miscigenado devido não somente à chegada dos portugueses, mas a uma gama de etnias indígenas diferentes, a chegada de povos e a escravização destes e, depois, na Independência com a chegada de poloneses, franceses, japoneses e mais de outros tipos de nacionalidades. Uma análise pode ser feita dessa imigração a partir do momento que povos imigram para um país com ascendência econômica para prosperar, independente se o que vendem seja um povo que é marginalizado, e nesse contexto nasce o Romantismo no Brasil, uma mistura do romantismo europeu com a idealização. Visando a cultura, em um espaço onde a colonização se faz presente, essa grande quantidade de imigrantes não serviria pra tentar apagar ainda mais a história de escravizados, indígenas e todo o conjunto que sofreu algum tipo de perseguição na época do descobrimento? Porém, também não seria incorreto dizer que não nasceu, a partir disso, lutas e resistências que formaram o Brasil que é hoje, com suas festas e comemorações voltadas ao fim de uma luta.

É assim que a cultura se manifesta e por esse exato motivo que pode ser considerada geográfica. É uma mudança de percepção do espaço a partir dos eventos fenomenológicos que podem causar qualquer tipo de movimentação direta ou indireta na paisagem e que transforma a vida de cada população.

Embora essa transformação seja um tanto quanto abrupta e distante do século XXI, as mudanças também podem ser inovações disruptivas, voltadas ao crescimento das tecnologias no mercado de trabalho e como isso influencia as classes sociais que ainda são muito marginalizadas, seguindo pelo recorte:

As mudanças essenciais estão, no entanto, ligadas à urbanização, à industrialização e à constituição de um espaço nacional. Desde o século XIX a sociedade brasileira se diferencia. [...] Nas cidades que crescem cada vez mais depressa as imperfeições tradicionais do sistema político brasileiro são menos sensíveis que no campo, mas elas não desaparecem. É nelas que as pessoas mais sentem necessidade de se agrupar, de ajudar-se mutuamente aderindo a um clube, ou de assegurar-se uma certa proteção no ambiente de uma escola de samba, por exemplo. A sociedade brasileira não perde sua unidade, mas ela se fragmenta. (CLAVAL, 2013, p. 22)

Como a cultura brasileira pode ser percebida em um ambiente de urbanização tão rápido? Como a industrialização corrobora com essa perda de identidade? Com o avanço das migrações em busca de condições de vida melhores, muitas famílias deixam suas casas, seus lares e se mudam para a cidade grande. Seus costumes e modos de vida permanecem. As pessoas são condicionadas a procurarem seus semelhantes, pela familiaridade e pelos sentimentos que evocam de pertencimento. Dito isso, o ser humano se adapta e se reforma, mas permanece com os hábitos. Sendo assim, criam-se então pequenos grupos que compartilham de um sentimento de pertencimento e que

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

compartilham seus modos de vida. Entretanto, com o avanço da tecnologia, dos meios de comunicação, do capitalismo e a consequente globalização, as mudanças podem (e de fato fazem) transformar espaços, como seguinte:

Uma parte dessa diversidade encontra-se ameaçada: a modernização, que prolonga a globalização, repousa na utilização de técnicas científicas estandardizadas, que tornam obsoletos os *savoir-faire* tradicionais. A televisão é onipresente e faz com que os hábitos locais sejam esquecidos. O português é utilizado pela imensa maioria da população, qualquer que seja sua origem étnica. Inúmeras tribos indígenas não falam mais sua língua tradicional, ou a dominam mal, misturando-a ao português. (CLAVAL, 2013, p. 23)

Eis um campo no qual ainda é necessário avaliar não só a paisagem física, mas o que ela significa para cada classe social, etnia, povo e grupos sociais culturais. O Brasil, em meio a tanta perversidade, ainda consegue se alegrar, festejar e ser cordial. Em um mundo cinzento, o Brasil seria puro carnaval, onde cada pessoa e cada grupo cultural atribui significados, vive e experencia os lugares, os festejos e os momentos de maneira distinta.

Considerações finais

É possível ver como a geografia cultural tomou vertentes principais dentro do pensamento geográfico e no contexto de interpretação dos lugares e do mundo. Dentre as perspectivas, destacaram-se: Sauer e a escola de Berkeley; com sua abordagem descritivo-cultural, Eric Dardel; na fenomenologia, Yi Fu Tuan; na concepção humanista, que inclusive se aglutina ao fenomenológico, moldando então o modelo reconhecido hoje na pesquisa, Roberto Lobato Corrêa e Rosendahl; responsáveis pela criação do NEPEC, e Paul Claval com a perspectiva geral dos conhecimentos adquiridos sobre a geografia cultural ao longo dos anos.

Vale ressaltar que, embora o termo "cultura" tenha sido visto no século XX, a ideia já era pensada desde La Blache com os "gêneros de vida" e o historicista LeFebvre. Sob uma perspectiva geográfica, a cultura pode ser transposta para crítica, avaliação e percepção do espaço voltadas a entender como cada grupo social se comporta em seu local de residência, seja ele uma vizinhança ou em uma nação-estado. A cultura se faz necessária para entender o passado e como ele age no local e as relações entre meio e homem, e fazer os recortes geográficos a fim de compreender o desenvolvimento dos conceitos e pensamentos é intrínseco. Em especial, quando se trata de um campo onde há muitas coisas a serem pesquisadas, a exemplo: as religiões e sua influência em alguns Estados, o que pode ser considerado como cultura, qual a fenomenologia por trás da diversidade no Brasil e como isso é perpetuado na população.

Diante do exposto, o presente trabalho foi desenvolvido buscando apresentar conceitos, ideias e pensamentos importantes ao decorrer da geografia cultural que se

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

fizeram imprescindíveis ao longo do tempo para compreensão de uma paisagem, seja ela rural ou urbana, modificada pelo homem ou não, e como as fenomenologias influenciam os hábitos e costumes do homem com o meio ambiente e seu recorte socioespacial. A geografia cultural se torna então fundamental contribuinte para o desenvolvimento de uma geografia contemporânea própria, capaz de existir como conhecimento científico válido, contraposto ao que se fazia antes no campo em questão, capaz de superar a unicultura do descritivo, quantitativo, que eram adotados (a depender do recorte temporal) como modo singular de se ler geograficamente. Faz-se presente o diálogo entre métodos de pesquisa, a reforma de conceitos solidificados, este também presente em toda a estrutura tratada até então como verdade absoluta, a geografia contemporânea questiona e transcende, significa contracultura.

Referências

BARNES, TJ; VAN Meeteren M. **The great debate in mid-twentieth century American geography: Fred K Schaefer vs. Richard Hartshorne**, in: S Lovell, S Coen & M Rosenberg (Eds), *The Routledge Handbook of Methodologies in Human Geography*, (pp. 9–23). London: Routledge. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 258 p.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. **Reflexões sobre a geografia cultural no Brasil**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 8, p. 7-29, AGO-DEZ de 2013.

CORRÊA, Jhonatan Silva. **Geografia Cultural: uma breve história**. *Geographia Opportuno Tempore*, v. 6, n. 1, p. 9–23, 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **A Geografia Cultural no Brasil**. *Revista da ANPEGE*, v. 2, n. 02, p. 97–102, 2005.

CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Geografia Cultural e o Urbano**. 3º Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura. UERJ, RJ. OUT, 2002.

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. **Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural**. *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*. 2010.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo, SP, Editora Perspectiva S.A. obra original publicada em 1952, tradução em 2011, p. 1-48.



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1648313

DUARTE, Daiane Romio; et al. **Conexão entre pessoas e ambiente: uma revisão de literatura sobre toponímia**. ENSAIOS. Campinas. 2021.

HÄGERSTRAND, Torsten. **A propagação de ondas de inovação**. Boletim Campineiro de Geografia, v. 3, n. 2, p. 348–368, original 1952, tradução pelo Boletim em 2013.

História do Pensamento Geográfico: a geografia contemporânea. Sergipe: CESAD.

Disponível em:

https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/16193616022012Historia_do_Pensamento_Geografico_Aula_13.pdf

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **Éric Dardel-O Homem E A Terra**: Natureza Da Realidade Geográfica. Terr@ Plural, v. 9, n. 1, p. 135-142, 2015.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed São Paulo: Annablume, 2007. 150

NEVES, Mariana Costa. **A Hermenêutica do Espaço**: reflexões sobre a Realidade Geográfica de Eric Dardel. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 101–115, 2021.

OLIVEIRA, de Livia, **Lugares míticos / Mythical places**. Geograficidade, v. 5, n. 2, p. 18–25, 2015.

PEREIRA, Clevisson J.; FERNANDES, Dalvani. **Cultura e Dimensões do viver em Yi Fu-Tuan: algumas aproximações geográficas**. RA 'E GA, p. 53-73. Curitiba. 2011.

PERKOSKI, Norberto. **Os sons do silêncio: um devaneio poético**. Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 41, nº 4, p. 83-92, dezembro, 2006.

SEEMAN, Jörn. **A Morfologia da Paisagem Cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da geografia cultural**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 17-18, p. 65-76, JAN/DEZ de 2004.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; SILVA, Larissa Santos Rocha da. **Da Aurora ao ocaso de Berkeley: contexto, discordâncias e novas trajetórias da geografia cultural**. Geogingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, v. 14, n. 1, p. 169-197, 2022.

SIMÃO, Livia Mathias. **Ciência Idiográfica, Ciência Cultural**. 7º Congresso Norte-Nordeste de Psicologia. Salvador, Bahia. 2011.

TUAN, Yi-Fu: **Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective**. Geograficidade, v. 8, n. 1, p. 4–15, 2018.